

Recortes do Cotidiano Comunitário no Universo Jornalístico:

Relato de uma Experiência em Extensão Universitária¹

Odair José da SILVA²

Brenda BITTENCOURT³

Anamaria TELES⁴

Sandro Lauri da Silva GALARÇA⁵

Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, SC

RESUMO

Este artigo apresenta o programa de extensão Recortes do Cotidiano Comunitário no Universo Jornalístico, desenvolvido pelo novo curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau (FURB) e os dois projetos a ele vinculados, Verter: Inclusão Social através da Fotografia, e Edujornalismo para Letramento Digital. Discutimos o conceito de extensão universitária, a história desta prática no mundo e no Brasil e sua consolidação na FURB. Apresentamos os projetos de extensão e sua atuação no dia de hoje, bem como a trajetória do projeto Verter, em atividade desde 2006. A prática da extensão permite com que acadêmicos e professores ultrapassem os limites da universidade e busquem ampliar seus conhecimentos com a realidade da região em que estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão; Jornalismo; Inclusão Social; Fotografia; Adolescentes.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma experiência de extensão universitária desenvolvida pelo curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau (FURB) através do programa de extensão Recortes do Cotidiano Comunitário no Universo Jornalístico e os dois projetos a ele vinculados, Verter: Inclusão Social através da Fotografia, e Edujornalismo para Letramento Digital. Buscamos aqui refletir sobre os desafios da extensão universitária e também sobre as possibilidades de inclusão social e digital através de atividades não formais de educação para a mídia.

¹ Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de graduação da 3ª fase do curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau. Email: odairjdsilva@gmail.com.

³ Estudante de graduação da 3ª fase do curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau. Email: brenda-bitt@hotmail.com.

⁴ Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau, coordenadora do programa de extensão Recortes do Cotidiano Comunitário no Universo Jornalístico e do projeto de extensão Verter: Inclusão Social através da Fotografia. Email: anamariateles@furb.br.

⁵ Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau e coordenador do projeto de extensão Edujornalismo para Letramento Digital. Email: sandro.galarca@gmail.com.

Desenvolvida com o intuito de aproximar a universidade e a sociedade na qual está inserida, a extensão universitária tem papel fundamental no âmbito social e acadêmico, permitindo a articulação de ensino, pesquisa e extensão de forma integrada.

A extensão também possibilita que ocorra a troca de conhecimento entre os envolvidos, resultando na democratização do conhecimento acadêmico. Além de possibilitar aos estudantes e professores extensionistas explorar outros ambientes que não apenas o universitário, a prática extensionista possibilita à comunidade adentrar e conhecer as atividades e estruturas da universidade.

Assim, a universidade conhece as pessoas que compõem a região em que está situada e pode planejar e desenvolver ações conforme as necessidades da sociedade e da população envolvida, respeitando suas características e seus valores.

As primeiras ações de extensão universitária datam de 1871 na Universidade de Cambridge, na Inglaterra e, logo em seguida, em Oxford. Esta prática acadêmica surgiu na forma de cursos de aperfeiçoamento para trabalhadores, modelo que se espalhou pela Europa e, no início do século XX, para os Estados Unidos (PAULA, 2016).

A extensão universitária surge no Brasil em 1931 nos moldes estadunidense e europeu, quando a extensão passa a ser realizada através da oferta de cursos, segundo o Estatuto da Universidade Brasileira. Naquela época, a prática extensionista tinha como principal objetivo debater sobre questões políticas, sociais e econômicas. Porém, logo adiante nas décadas de 40 e 50, observa-se uma ampliação das atividades de extensão (RAUSCH; SILVA, 2010).

Na década de 60 a mobilização popular, que buscava reformas sociais, fez com que houvesse uma transformação na extensão universitária. Ocorre uma mudança de estratégia, da difusão do conhecimento através da popularização da ciência, a partir dos interesses da elite, para integrar a universidade no âmbito socioeconômico, político e cultural do Brasil (RAUSCH; SILVA, 2010).

Após a reforma universitária de 1968, a política com base no poder militar fez com que todas as instituições de ensino superior se submetessem a um processo de persuasão. As classes dominantes tentaram criar um projeto de sociedade focado para o capitalismo (SERRANO, 2010).

No final da década de 1970, surge um novo cenário político no Brasil. Os movimentos populares começam a aparecer em forma de resistência e as universidades são

chamadas para ajudar. Ao mesmo tempo em que houve um processo de redemocratização, houve também novas alianças consolidadas devido à relação universidade e sociedade.

Já em 1987 surge o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX). A partir de então, as ações de extensão passam a ser coordenadas por esta instância. Foi neste mesmo ano em que o conceito de extensão universitária se modifica como o que conhecemos hoje em dia, em relação à interação universidade e sociedade.

EXTENSÃO NA FURB

A Fundação Universidade Regional de Blumenau surge em 1968 e no ano de 1972 já começa a desenvolver atividades de extensão direcionadas a sociedade. As primeiras atividades foram com a instituição do Serviço Judiciário (estágio de Direito). Entretanto, nesta época a Divisão de Promoções Culturais da universidade já desenvolvia atividades relacionadas à cultura com uma revista de teatro da FURB, coral e artes. (RAUSCH; SILVA, 2010).

Já na década de 1990, ocorreram grande modificações e adequações em relação às normas, que resultaram em 1995, na resolução 10/95. Com esta resolução houve a criação das Pró-Reitorias da universidade – incluindo aí a Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias (PROERC). De lá pra cá houve várias mudanças nas normas da universidade blumenauense. Apesar de a PROERC ter sido criada no ano de 1995, apenas em 1997 ela passou a ser implementada como estrutura da administração superior. (RAUSCH; SILVA, 2010).

Atualmente a extensão universitária está estruturada na FURB como divisão junto à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura. Os programas e projetos são submetidos a editais internos com duração bienal, e a avaliação é feita pelos pares e também por avaliadores externos.

O curso de Jornalismo da FURB, cuja primeira turma ingressou em 2014, possui um programa de extensão com dois projetos aprovado para o biênio 2015-2016. O curso foi o primeiro no Brasil a ter uma matriz curricular de acordo com as novas diretrizes do Ministério da Educação de 2013.

O projeto Verter: Inclusão Social através da Fotografia busca estimular a expressão e conscientização de adolescentes residentes em comunidades periféricas da cidade de

Blumenau através de oficinas de fotografia e discussão da realidade da comunidade e da cidade.

Um dos objetivos do projeto é, através da produção de imagens, fortalecer a autoestima dos adolescentes, muitas vezes estigmatizados por viverem em áreas que aparecem na mídia, na grande maioria das vezes, em coberturas negativas sobre violência, drogas e desastres como o de novembro de 2008, em que enchente e desmoronamentos de morros atingiram a cidade de Blumenau.

Em uma sociedade em que se valoriza a cultura da colonização alemã – nas festas tradicionais, nos discursos oficiais, nos materiais de divulgação do turismo do município, nos projetos de urbanização em especial do centro da cidade - a periferia, assim como seus habitantes de diferentes origens e diferentes etnias, costuma não ter visibilidade (a não ser de forma negativa e estigmatizada) na sociedade abrangente. (TELES; MARCHI, 2010, p.4).

O projeto Verter teve seu início no ano de 2006, vinculado ao Programa Assessoria às Organizações Comunitárias, e já contou com a participação de professoras, alunas e alunos dos cursos de Comunicação Social, Serviço Social, Ciências Sociais e Psicologia. Em 2006 e 2008, foi contemplado com recursos externos do Fundo Municipal da Infância e da Adolescência (FIA), que permitiu custear as despesas do projeto. Em 2006, o Verter atuou na comunidade da Rua Pedro Krauss. No ano seguinte o projeto atuou na comunidade Toca da Onça e em 2008 na comunidade da Rua Coripós. Neste mesmo ano as atividades do projeto foram interrompidas devido às enchentes que atingiram a cidade, porém foram retomadas e finalizadas naquele local no ano de 2009. No ano de 2010 foi a vez do projeto trabalhar em várias comunidades dos arredores da localidade chamada de Morro do Arthur. Nos dois anos seguintes o projeto não foi realizado, devido à indisponibilidade na carga horária, uma vez que a coordenadora do projeto precisou assumir atividade de administração acadêmica.

Em 2013 e 2014 o projeto voltou a ser desenvolvido em parceria com o curso de Serviço Social, agora em um novo programa intitulado GRACO: Gestão de Riscos e Participação Comunitária. Neste biênio, o projeto firmou parceria com a Escola Básica Municipal Tiradentes, da comunidade da Rua Pedro Krauss.

Já na edição do projeto em 2015, o projeto Verter foi redimensionado e submetido junto ao programa de extensão do novo curso de Jornalismo da Furb, buscando estabelecer

o tripé ensino-pesquisa-extensão e iniciar os estudantes na prática extensionista, como prevê o Projeto Pedagógico do curso.

No ano de 2015 o projeto Verter voltou a atuar em parceria com a Escola Tiradentes. Inicialmente buscamos desenvolver uma alfabetização visual (DONDIS, 1999) com os adolescentes, capacitando-os não só a produzir imagens, o que os torna autores/sujeitos de sua história, mas também a ler/interpretar as imagens que proliferam no mundo contemporâneo. O trabalho iniciou com explicações sobre como funciona uma câmera fotográfica, desde seu princípio físico (com observação da formação da imagem invertida através de uma *camara obscura*) até a regulagem de foco, entrada de luz, noções de enquadramento e composição, bem como os principais recursos das câmeras digitais compactas e reflex.



Figura 01: Adolescentes integrantes do projeto de extensão Verter, em saída fotográfica no centro da cidade. Fotografia realizada pelo adolescente Lucas Stein.

Os exercícios fotográficos foram realizados no espaço da própria escola Tiradentes, que hoje ocupa as dependências do antigo prédio da Escola Pedro II, uma vez que o prédio original da Tiradentes ficou comprometido com o desastre de 2008 que atingiu Blumenau. A área atual da escola é ampla o suficiente para permitir a realização das atividades. Também realizamos passeios fotográficos em outras áreas da cidade, como no centro de Blumenau, que é relativamente próximo da escola, o que permite que o deslocamento seja feito a pé (cf. figura 01). Nestes exercícios, os adolescentes dividiam as câmeras do Laboratório de Fotografia da FURB e trabalhavam em grupos.

Posteriormente, as imagens produzidas pelos adolescentes nos exercícios fotográficos propostos ao longo das oficinas foram analisadas conjuntamente, utilizando para isso um projetor multimídia cedido pela escola. Nestas análises, buscamos trabalhar as questões técnicas e estéticas da fotografia, observando desde questões como exposição à luz até composição e enquadramento das imagens. Neste momento, identificamos as fotos, ou seja, anotamos junto da imagem o nome do adolescente que a produziu, utilizando um aplicativo próprio para fotografia, o *Adobe Photoshop Lightroom*, que permite aos fotógrafos não só fazer o tratamento das imagens, mas também renomear, selecionar, classificar e organizar os arquivos (BARROSO, 2012).

A conclusão do projeto se deu com a realização de uma exposição fotográfica na escola, em um evento no final do ano direcionado aos pais e alunos. Após a exposição, as fotografias foram entregues aos participantes do projeto.

Já o projeto Edujornalismo para Letramento Digital visa à inclusão digital cidadã de jovens e adolescentes blumenauenses por meio de oficinas interdisciplinares de edujornalismo, que permitam maior conscientização tanto em relação à produção quanto à recepção de produtos jornalísticos. A aprendizagem mútua entre aprendizes de produção no curso de Jornalismo e leitores da mídia, nas escolas, será realizada por meio de planejamento e execução de recursos informativos como blogs, redes sociais, materiais radiofônicos e em vídeo, além de mecanismos próprios de divulgação regional de ações, através de parcerias com a FURB TV e com a Rádio FURB FM, e com base em projetos já experienciados, aprimorando-se o uso dos ambientes web, de domínio das novas gerações. Para isso será produzido um manual pedagógico sobre letramento digital em dispositivos jornalísticos.

Discutir e refletir sobre essas práticas na academia e no ambiente escolar vai ao encontro da proposta pedagógica que entende a Educomunicação, ou o Edujornalismo, como um campo de mediações. Em decorrência dos diversos estudos realizados sobre o tema, principalmente nos Estados Unidos e na América Latina, a questão que ganha relevância e diz respeito às condições que os professores têm de conviver com o novo modo de comunicação, próprio das novas tecnologias e inerentes à natureza das comunidades virtuais que se apresentam, como redes sociais, mídias sociais e tantas outras denominações que podemos utilizar. Em outras palavras, cabe-nos discutir sobre os atuais e futuros paradigmas da educação em seu confronto ou associação com o mundo da informação e sobre o papel do professor nesta revolução tecnológica.

Entendemos o professor como um importante mediador deste e de outros contextos, sendo fundamental sua preparação tecnológica e técnica, que chamamos aqui de letramento, para enfrentar o desafio não só da formação conteudista dos alunos, mas também de sua formação humanística. Assim, se coloca um paradigma do qual não se pode fugir: ou o professor consegue decifrar o que está ocorrendo e se prepara para assumir um papel de protagonista no processo, ou será substituído por quem se disponha a servir o sistema que está sendo implantado. Para muitos especialistas, a questão-chave não está nas tecnologias, mas no próprio modelo de comunicação adotado. Para Renna Pallof e Keith Pratt, autores do já conhecido livro *Building Learning Communities in Cyberspace*, comunicação é um conceito chave quando se fala em educação e tecnologia. Entender esse processo é, de fato, contribuir para a construção de uma comunidade educativa no ciberespaço (PALLOF; PRATT, 1999).

Inicialmente desenvolvido na Escola de Educação Básica Luiz Delfino, em Blumenau, o projeto teve sua segunda fase marcada pela palestra aos professores na referida escola, na abertura da Semana de Formação Continuada em agosto de 2015. Essa é a primeira etapa efetiva, quando a acadêmica bolsista iniciou o processo de multiplicação nas escolas a serem atendidas. Diretamente, foram atendidos 40 professores, quando levamos o tema da importância do letramento digital aos professores da escola. Indiretamente, foram atingidos cerca de 1.200 alunos, quando os professores levaram o tema para sala de aula, e mais 50 acadêmicos do curso de jornalismo, em discussão feita sobre o tema em uma disciplina chamada Pesquisa Aplicada ao Jornalismo, onde foi trabalhado conceitualmente o que é o estudo da mídia, crítica de mídia e estudos de recepção já a partir dos primeiros resultados das discussões com os bolsistas envolvidos.

Uma outra unidade de ensino onde está sendo desenvolvido o projeto em Blumenau é a Escola de Educação Básica Professor João Widemann. Nessa escola, já foi elaborado um cronograma de atividades, com o calendário se iniciando em maio e se estendendo até novembro de 2016. Nessa escola, chegou-se ao número de cinco professores envolvidos diretamente porque é o quantitativo de docentes em cujas disciplinas será aplicado o atual estágio do Projeto de Extensão – as oficinas – e que demonstraram interesse inclusive, após conhecerem o teor do Projeto, em utilizar o material produzido na primeira fase conceitual como ponto de reflexão em suas práticas pedagógicas, principalmente no que se relaciona ao letramento digital. Isso porque, na maioria das disciplinas envolvidas e que dão sustentação às práticas de mercado, o universo digital e as

redes de produção e circulação de informações já se faz presente, sendo necessária não só uma discussão com os pares sobre o futuro do jornalismo como também uma reflexão interna sobre a prática pedagógica e profissional deste docente.

Entendemos que as ações desenvolvidas até aqui entre professor responsável e acadêmicos bolsistas, por seu caráter formador e multiplicador, serão importantes para a melhoria da leitura crítica sobre as mensagens dos meios de comunicação. Mesmo que em uma fase embrionária, as discussões propostas nos encontros entre professor e bolsistas, a programação das disciplinas, a utilização desta experiência em sala de aula – ainda que de forma incipiente – vem contribuindo para uma visão cada vez mais crítica da sociedade. Uma comunidade, ainda que geograficamente pequena, que esteja preparada para ler de fato o que esse discurso midiático produz como efeito nesta e em outras comunidades, estará também desenvolvendo uma consciência cidadã que se reflete em diversos segmentos, como na melhoria de sua qualidade de vida.

A simples circulação destes conceitos no meio acadêmico, por si só, já valem como início de um projeto que se estrutura de dentro para fora. A segunda etapa, que vem sendo articulada e pensada neste momento pela equipe de execução do projeto, pretende levar à comunidade uma contribuição bastante significativa neste contexto, uma vez que a realização de diversas atividades programadas nas comunidades escolares terá engajamento de um número bastante significativo de alunos. Prevê-se a participação de pelo menos 200 alunos por escola nesta etapa e novas unidades de ensino serão agregadas ao projeto com o tempo e novas iniciativas de multiplicação, divulgação e produção de conteúdo midiático serão realizadas. Isso porque pretendemos tornar a educação para os meios como componente natural do processo educativo, e não uma intervenção de procedimentos de comunicação no processo de ensino/aprendizagem.

O projeto Edujornalismo para letramento digital tem como objetivo principal mobilizar os professores de escolas públicas do ensino fundamental e médio para que juntamente com eles, em sala, fossem feitas oficinas ligadas ao jornalismo, como por exemplo, oficinas de rádio, jornal impresso, TV e vídeo, blog e fotojornalismo. A metodologia inicial foi sensibilizar os professores para que inserissem em seus planos de aula a realização das oficinas, incluindo o tema do Edujornalismo no cotidiano de aprendizagem escolar. No entanto, quando foi feito contato com as escolas os professores não se mobilizaram satisfatoriamente, o que foi avaliado ao final do ano de 2015.

Foi decidido então mudar o foco e não mais mobilizar os professores, mas sim falar diretamente com a direção e com os alunos. Com a nova metodologia de trabalho, esse projeto está em andamento desde o início de 2016. Neste momento, já foi conversado com a direção de duas escolas públicas da cidade de Blumenau e foram marcadas oficinas para os meses de maio, junho, agosto, setembro, outubro e novembro desse ano.

Visando o melhor aproveitamento de cada oficina, foi conversado com a direção da escola e, com o auxílio da direção, foram escolhidas as turmas que receberiam cada atividade. Ao final de todas as oficinas os alunos e a escola ganham certificados, além do conhecimento adquirido na área do jornalismo.

Para ensinar de forma descontraída as ideias e técnicas do jornalismo impresso, os alunos criarão Fanzines (ou revistas de fã). Muitas vezes essa revista é feita com colagens ou quadrinhos para falar de algum assunto específico. Nesta oficina, os alunos elaboram desde o início até a distribuição de um Fanzine que tem o tema livre para que o aluno possa usar a sua criatividade sem se limitar.

A oficina de rádio é feita de forma que dê autonomia ao aluno para que ele desenvolva um programa de no máximo cinco minutos após ter aprendido as técnicas de como apresentar um programa e como se portar diante do microfone. O programa será então reproduzido no ambiente escolar para que todos os alunos possam ouvir.

A oficina de fotojornalismo acontecerá juntamente com o projeto Verter, onde o acadêmico Odair José da Silva acompanha a oficina e passa dicas para os alunos juntamente com a acadêmica Brenda Bittencourt. Essa atividade prevê não só a integração entre os dois projetos que pertencem ao mesmo programa, mas principalmente o diálogo entre bolsistas e professores coordenadores, numa salutar experiência negociada e planejada num cenário próximo do que se pretende ideal em termos de extensão.

Na oficina de jornalismo para televisão e vídeo, os alunos aplicarão as técnicas jornalísticas para televisão como o enquadramento na hora de gravar, a utilização de planos, ângulos e movimentos adequados para cada situação, com a finalidade de produzir vídeos com o celular, com duração de poucos minutos, e que quando finalizado será mostrado a todos os alunos que participarem da oficina. Além do formato audiovisual para televisão, será explicado também o fazer jornalístico em vídeo na internet, como para o site do YouTube.

Com a oficina de webjornalismo o objetivo é criar para a escola um blog em que os alunos publiquem diariamente textos, imagens e vídeos, bem como o que foi produzido

nas outras oficinas usando características do jornalismo digital, como a hipertextualização, a multimedialidade e bancos de dados.

Com todas as oficinas concluídas será possível alcançar o maior número de escolas e alunos mobilizados, esperando-se assim trocar conhecimento sobre a área do jornalismo com um maior número de pessoas e levar a FURB para mais perto da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se ser o início das atividades extensionistas em um curso em implantação, avaliamos que os resultados parciais obtidos no primeiro ano de execução do programa de extensão cumprem com os objetivos propostos até o momento. Por meio das oficinas de fotografia foi possível desenvolver formas de inclusão social com adolescentes, trabalhando em prol da necessária alfabetização visual. As oficinas de fotografia também mostraram ser um importante momento de afirmação da autoestima dos adolescentes, o que pode ser observado na exposição montada na escola, com comentários orgulhosos dos estudantes envolvidos e também dos professores.

As possibilidades de ler e interpretar a sociedade contemporânea ganham reforço com as interações promovidas através das oficinas propostas. Mobilizando-se professores e estudantes de Jornalismo em diálogo com professores e estudantes de escolas públicas de Blumenau deu-se início ao planejamento de um conjunto de atividades que perspectivam desdobramentos no decorrer dos projetos.

Por fim, observamos que a prática da extensão permite com que acadêmicos e professores ultrapassem os limites da universidade e busquem ampliar seus conhecimentos com a realidade da região em que estão inseridos, muitas vezes distorcidas pela ideia de que Blumenau se limita a ser uma cidade de cultura alemã e sem problemas sociais.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Clício. **Adobe Photoshop Lightroom 4: o guia completo para fotógrafos digitais**. Balneário Camboriú: Photos, 2012.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

PALLOF, Rena M.; PRATT, Keith. **Building learning communities in cyberspace: effective strategies for the online classroom**. San Francisco, CA: Jossey-Bass Publishers, 1999.

PAULA, João Antônio de. **A extensão universitária e a sociedade contemporânea**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1708/2.shtml>>. Acesso em: 10 de abril de 2016.

SERRANO, M. S. M. **Conceitos de extensão universitária**: um diálogo com Paulo Freire. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf. Acesso em: 10 de abr. de 2016.

SILVA, N. M. A.; RAUSCH, R. B. **Extensão Universitária**: movimentos de aproximação entre sociedade e universidade. Blumenau: Edifurb, 2010.

TELES, A.; MARCHI, R de C. **Estigma e Inclusão Social**: uma Experiência de Educação Não Formal através da Fotografia. Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul, Novo Hamburgo RS. INTERCOM, 2010. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=31814>> Acesso em: 07 mar. 2016.